DO OURO AO PÓ

Cafeicultura e erosão no norte do Paraná.

TATI LOURENÇO DA COSTA*

O trabalho combina narrativas fotográficas e orais de Armínio Kaiser a respeito da erosão na região noroeste do Paraná, no período entre 1957 e 1963.

Nascido na Bahia em 1925, Armínio mergulhou na técnica e a arte de fotografar aos 12 anos, motivado pelos baús do avô, reconhecido fotógrafo de Salvador. No ano de 1950, Kaiser graduou-se em Piracicaba-SP como engenheiro agrônomo. Pode-se dizer que sua biografia é marcada pela cafeicultura. Em 1953 ingressou no recém criado Instituto Brasileiro do Café, e praticamente acompanhou toda a história da instituição, onde trabalhou até se aposentar, em 1989, um ano antes da extinção do Instituto.

As fotografias trazidas aqui foram registradas em viagens profissionais pelo interior paranaense. Expressam olhares sobre os modos de vida da região, onde a mata atlântica havia sido recém derrubada e era precariamente embrionário o estabelecimento de um núcleo populacional. Abaixo, o mapa destaca sua área de atuação, no extremo noroeste paranaense, na fronteira com os estados de São Paulo e Mato Grosso do Sul.

Mapa do Paraná destacando a área de atuação de Armínio Kaiser, na região noroeste do estado.

Armínio refere-se à região como Norte do Paraná, assumindo uma localização mais geral correspondente a toda a porção norte do estado. Contudo, vale situar mais

* Universidade Federal de Santa Cataria. Programa de Pós-graduação/Doutorado em História. Bolsista REUNI.

especificamente a diferenciação em relação ao caráter do solo, mais arenoso na porção oeste (região de Paranavaí), do que na porção central, onde está presente a terra roxa.

De uma fazenda a outra, prestando assessoria técnica aos cafeicultores, Armínio levava consigo uma, duas ou mais câmeras fotográficas que captaram, em negativos 35 mm ou 6x6cm, o cotidiano de seu trabalho, as paisagens, os modos de vida nas fazendas e cidades formadas em decorrência da cafeicultura. Com olhar crítico, o fotógrafo está atento ao o impacto humano e ambiental desta atividade. Impressiona-se com raízes expostas pela erosão à beira da estrada.

Na série de 48 imagens catalogadas como EROSÃO estão testemunhos visuais do processo de degradação do solo, sob ação da água corrente, após a retirada da floresta que cede lugar à atividade agrícola. Encontramos também alguns registros deste processo de desgaste do solo na categoria de cotidiano paranaense.

A metodologia de trabalho partiu da observação das fotografias, combinadas com duas entrevistas realizadas com Armínio Kaiser em 2007 e 2009. Período em que integramos a equipe responsável pela organização de seu acervo fotográfico, composto por negativos metodicamente armazenados individualmente, em envelopes acompanhados por uma reprodução fotográfica e anotações a respeito da data, local e outras informações sobre a produção das chapas. Como se vê a seguir:

Uma história visual

Narrar a experiência com o acervo reflete uma dimensão da operação historiográfica caracterizada no ato de tornar-se arquivo, já que, sem a guarda de tais imagens não se poderia vir a contar essa história visual da erosão no Paraná. Portanto, não se pode ignorar um horizonte metodológico da história visual pelo viés da memória fotográfica, em suas estratégias e táticas patrimoniais. Depois de Michel de Certeau (1982) e outros autores, Paul Ricoeur (2007) volta à operação historiográfica situando o arquivo na dimensão de uma memória a tornar-se história já na própria seletividade que opera durante a "categorização",

por exemplo, ou até mesmo nas escolhas do que será – ou não – objeto de uma ação patrimonial.

No presente caso, de um total estimado em dez mil chapas produzidas por Armínio Kaiser ao longo de sua vida, o recorte da cafeicultura paranaense corresponde a cerca de 10% do acervo. A seletividade, aqui, operou para garantir condições dentro da viabilidade possível de execução do projeto naquele momento. E a escolha geográfico-temática não foi ao acaso, estava aliada ao fato de que o projeto aporte de recursos do município de Londrina.

A opção de trabalhar com a história oral, buscando relatos de Armínio Kaiser a fim de agregar sentidos às imagens, carrega a mesma dimensão da operação historiográfica, com algo mais: através das entrevistas, os pesquisadores integram a própria composição da fonte. Dois objetivos bem pragmáticos envolviam a realização das entrevistas em 2007: um deles era elaborar categorias para a catalogação e organização das imagens que representassem significativamente o ponto de vista técnico de Armínio Kaiser. O outro estava situado na esfera das percepções e sentidos sobre as imagens a fim de organizar um livro, que seria o principal instrumento de difusão do acervo. Em 2009, a entrevista retornava aos temas com vistas à produção de um documentário. Buscava-se sempre o universo sensível e estético das percepções que as imagens despertavam no fotógrafo quando ele revisitava, 50 anos após o clique, imagens inéditas com vistas à publicação. As narrativas orais permitiram unir as notas do fotógrafo no momento da produção das imagens (escritas nos envelopes) com suas reflexões acerca delas no tempo presente.

Um percurso da história visual associada à história oral ecoa os desafios de se fazer história com imagens (KNAUSS, 2006). A questão é tecida por Ulpiano T. B. de Meneses (2003), no fio da meada por onde transitam também os trabalhos do Laboratório de História Oral e Imagem (LABHOI/UFF). No caso específico das fontes visuais fotográficas, é significativa a contribuição das pesquisas com memórias de fotojornalistas empreendidas por Ana Maria Mauad (2008). Cabe situar no debate que as operações de produção, técnica e expressividade para os diferentes tipos de "imagens", seja uma fotografia, gravura, pintura, imagem em movimento, etc. Interferem, objetiva e subjetivamente, nos modos diversos de ver e perceber cada imagem, em sua natureza polissêmica e multifacetada.

Do ponto de vista da memória fotográfica, é latente a preocupação de Kaiser em captar seu presente, numa visada sobre a íntegra do acervo percebemos um grande número de fotografias de técnicas agronômicas, e outras tantas esteticamente impactantes.

Observa-se abaixo, a erosão no solo arenoso compromete a perenidade da praça da igreja, assim como comprometeu a atividade agrícola que abriu espaço, viabilizou recursos,

criou necessidade e trouxe pessoas para derrubarem a floresta, plantarem café e "povoarem" o interior. A data 1963 marca o prematuro declínio da cafeicultura na região de Paranavaí:

Foto: Armínio Kaiser, acervo pessoal do fotógrafo. Região de Paranavaí, PR, 1963.

Ao olhar para as imagens tomamos emprestado o olhar do fotógrafo no momento de registro. Foi o olhar que recortou os instantes congelados nos sais de prata que nos permitem, distanciados no tempo e espaço, empreender uma viagem de imagem e imaginação na pesquisa sobre suas fotografias.

É visível na composição dessa fotografia, um pouco da operação historiográfica das fontes visuais. Para além do conteúdo registrado, a imagem abre espaços para perceber o posicionamento crítico do fotógrafo nas escolhas do quadro. Ao que parece, seu foco está menos concentrado em celebrar a edificação de uma bela construção na terra vermelha, do que em deixar ver em primeiro plano o contraste da mesma terra se desfazendo, bem próximo dali. Por esta imagem sentimos a ambigüidade do sujeito, um fiscal do café, preocupado em carregar sua máquina fotográfica registrando a destruição. Mas não paro por aí...

Mais do que analisar uma fotografia em sua construção iconográfica ou iconológica, ou das noções de intencionalidade do fotógrafo, é válido percebê-la sob uma perspectiva mais relacional acerca das operações de agenciamento e singularidade que se processam quando um sujeito olha, pensa, sente e narra uma imagem.

Uma educação sensível do olhar faz-se necessária para lidar com a complexidade da fotografia como imagem e representação. E válido exercitar uma abordagem transdisciplinar, passando pela antropologia visual e a comunicação, já que "Em toda fotografia existem pelo menos dois observadores e duas observações, distanciadas no tempo e no espaço, sempre em torno de um assunto passado que sempre ressuscita." (SAMAIN, 2005, p.117). Destacam-se as categorias de temporalidade e espacialidade, tão caras à história e à memória, como elementos constituintes da imagem. Em processo dialético, estas camadas reconfiguram a

mesma imagem do momento de sua produção ao instante de sua percepção. Algo que intrigou Roland Barthes em sua última obra, dedicada às fotografias, onde se pode ler uma proposta metodológica para o trabalho com tais fontes, cuja proposta considera os sujeitos: operator (o fotógrafo), spectrum (o fotografado) e spectator (o observador da foto). Assim como os elementos singulares que operam sobre o ato de olhar uma fotografia: studium (os referenciais sócio-culturais) e punctum (a ordem do afeto e da subjetividade). (BARTHES, 1984)

Apresentado o arquivo e algumas operações historiográficas da própria composição e crítica das fontes. O foco afinado sobre as fontes visuais fotográficas, acompanhadas por uma escuta sensível das narrativas do fotógrafo, transitaremos para os desdobramentos da erosão decorrente da cafeicultura na região noroeste do Paraná.

Do ouro verde ao pó

A motivação de Armínio Kaiser para fotografar a cafeicultura paranaense não era diretamente profissional, pois era contratado como engenheiro agrônomo. Podemos dizer que suas câmeras eram companheiras de viagem, para não percorrer sozinho as empoeiradas estradas do interior do Paraná. E para ter algo a mais com o que contar na hora de relatar o que havia visto. Mas foi a profissão que levou este baiano, amante da fotografia, técnico que recém ingressava no IBC, a transferir-se do estado de São Paulo para o interior do Paraná.

Em 2008, para a composição do livro Ao Sabor do Café, pedimos a Armínio Kaiser que escrevesse um breve relato autobiográfico. Recebemos o texto intitulado por ele como "Obituário?" A interrogação do título carregava indícios de sua postura crítica em relação à história do café. Selecionamos a parte onde ele aborda a experiência vivida na região de Paranavaí (noroeste do estado), onde ele escreveu:

> Em 1953 entrei no IBC. Prestei serviços no Estado de São Paulo, quando, em 1957, fui transferido para Paranavaí, a capital da terra arenosa terrivelmente sujeita à erosão.
>
> O Norte do Paraná estava envolto num fervor nacionalista derrubando matas e matas para plantar café adoidadamente. Além disso, estas florestas diferiam das da Mata Atlântica. Havia madeira, principalmente perobas que inúmeras serrarias ajudavam a escoar; a quase totalidade de casas era feita de tábuas de peroba. Morei por mais de 10 anos em duas delas: em Paranavaí e depois em Arapongas.
>
> A minha área de atuação era 10.000km^2, metade cobertos com café, compreendidos entre os rios Paranapanema e Ivaí e de Nova Esperança ao rio Paraná. O meu maior objetivo foi procurar conter a erosão, mas a repercussão foi muito tênue, não só em razão da vasta extensão como, principalmente, ao espírito aventureiro que exigia o máximo de lucro com o mínimo de gasto. Era uma grande maioria que nada

> conhecia sobre cafeicultura e uma minoria que, por tradição, repetia erros acumulados no passado sem se incomodar com qualquer consequência visto não haver razão para se preocupar porque sempre haveria terras virgens mais adiante. Era um desenfreado desespero para plantar café de qualquer jeito e enriquecer rapidamente.
>
> (KAISER apud CHOMA, COSTA, VIEIRA, 2008)

O Instituto Brasileiro do Café foi criado em 1952, com objetivo de gerir uma política nacional para a cafeicultura, fornecer assistência técnica para os produtores, organizar o escoamento da produção, atuar na economia e no mercado do café. A transferência de Armínio Kaiser do IBC de São Paulo para o Paraná era motivada pela necessidade de acompanhamento e consultoria às fazendas da região, a fim de orientar os produtores sobre modos alternativos de plantio que pudessem conter o problema da erosão. Voltaremos a isso mais adiante, desdobrado em narrativas de Armínio onde figuram, no nível das práticas culturais, negociações entre as estratégias institucionais propostas, e algumas táticas de apropriação pelos cafeicultores, que seguiam a lógica do máximo lucro e mínimo gasto.

O "fervor nacionalista" reverbera um panorama histórico de interiorização do Brasil. Lembremos do projeto político conhecido como "Marcha para o oeste", que vinha desde o Estado Novo, num processo de formação de núcleos populacionais, abertura de estradas, caminhos e ferrovias, para o deslocamento de pessoas e produtos, fortalecimento das fronteiras limítrofes do país. Situado regionalmente, tal processo tem ligação com a migração de cafeicultores paulistas, cujas terras já estavam um tanto desgastadas pela atividade cafeicultora naquele estado. A relação entre a política de Getulio Vargas para o desenvolvimento territorial e as fronteiras agrícolas, com destaque para a cafeicultura, é discutido por Nadir Aparecida Cancian (1981), e no trabalho de Erneldo Schallenberger e Iara Schneider (2010).

A derrubada da floresta para dar espaço à expansão da cafeicultura repetiu, no Paraná, um processo anteriormente já identificado no estado de São Paulo. E que carrega traços do cultivo ineficiente e desgastante do solo que Warren Dean denuncia para o processo ocorrido na ocupação de áreas de Mata Atlântica, durante o século XIX, no estado do Rio de Janeiro, seguido por São Paulo, Espírito Santo e Minas Gerais. Em sua história da destruição das florestas, não é por acaso que o autor dedica um capítulo à temática "O café desaloja a floresta" (DEAN, 2010).

O tamanho das árvores da floresta paranaense causa forte impressão em Armínio Kaiser, no trecho acima ele menciona as perobas rosa, interessante notar que ele sinaliza uma

diferença em relação à Mata Atlântica. Para situar aquilo a que se refere como Mata Atlântica, observamos outra parte do seu relato, onde narra uma experiência de trabalho vivida antes de ingressar no IBC. Em 1951, Armínio trabalhou em indústria madeireira no litoral baiano que tinha como proposta, por suas irônicas palavras: "liquidar a Mata Atlântica sem nenhum peso de consciência. Derrubar árvores era um ato patriótico para expandir horizontes econômicos. Bem... havia florestas, sim, mas madeira mesmo, não". Em vista da dificuldade em encontrar madeira de qualidade para a exploração comercial na região, inferimos que a imagem de Mata Atlântica que ele menciona no texto como diferenciação da floresta paranaense está relacionada à experiência vivida no litoral da Bahia.

A marca do convívio com a derrubada das matas no Paraná está presente também na narrativa oral de Armínio Kaiser, registrada em 2009, enquanto folheava o livro Ao Sabor do Café. As páginas iniciais trazem imagens da expansão da cafeicultura e a abertura de novas áreas de plantio. Ele observou o seguinte:

> Mais importante do que conheci aqui no Paraná, foi a arrancada, que levou tudo que é gente de qualquer jeito pra plantar café. Pessoal desesperado pra plantar café, pra ganhar dinheiro... Porque o café estava dando um dinheirão no fim dos anos 40 - tinha acabado a guerra então o pessoal estava desesperado pra plantar café... Porque tava rendendo um dinheirão. E a preço caro, muito caro, que foi a erosão. Agora... Foi o que formou o Norte do Paraná. Mas... O que ficou aqui, do café, foi um milésimo, a grande quantidade foi pra São Paulo, Curitiba. Conheci um senhor de Salvador que vinha de Salvador pra visitar a fazenda que tinha aqui, ele vinha uma vez a cada ano, ou uma vez a cada dois anos. Então onde está a lógica deste fato? Era um investimento, era a mesma coisa que guardar dinheiro: "vou guardar dinheiro no banco, porque no banco vai render bastante... Mas no banco rende menos, só 12% ao ano, então, olhe, café está dando muito dinheiro lá no Paraná." Então, avalanche de gente aqui. Foi, avalanche de gente. E abriu o Paraná... Só que a única estrutura que existia pra dar um pouco de orientação foi o IBC, porque a secretaria do estado do Paraná não tinha condições econômicas pra isso. O IBC era um órgão muito rico porque o café era um produto rico, um produto que gerava bom dinheiro.
> (KAISER, Londrina, 02/03/2009. Entrevista)

O dinheirão, reincidentemente mencionado relaciona-se à alta valorização do café no mercado internacional, em ascensão após a segunda guerra mundial. Uma combinação entre interesse econômico, investimento de capital e necessidade de contratação de pessoal gerou oportunidades de emprego, um forte fator motivador dos movimentos migratórios. A significativa relação entre migração e expansão agrícola revela-se na expressão "avalanche de gente", processo que preocupa Armínio Kaiser por ser de modo desordenado e com

conseqüências que soterram o meio ambiente. Observar a cafeicultura como mero investimento, ou como reflexo de políticas econômicas seria ignorar as complexidades de uma lavoura que, para gerar lucro, requer significativo número de pessoas trabalhando. Estudos da cafeicultura paranaense apontam que a população do estado do Paraná mais que triplicou, no período de vinte anos, entre 1950 e 1970 (CANCIAN, 1981). A expansão do café depende, portanto, do "fator humano", como observou Kaiser a respeito das fotografias que registram o cotidiano da população que "formou" o Paraná.

Outro aspecto observado é o fato de não migrarem os donos da terra, mantendo-se nas capitais, principalmente São Paulo, Curitiba, ou ainda, e até Salvador. Para quem o café não passa de investimentos, seria apenas uma questão de localização geográfica a expansão da cafeicultura paulista para o Paraná, em continuidade ao trânsito do século anterior, do Rio de Janeiro para Minas Gerais, Espírito Santo e São Paulo.

A análise de Armínio Kaiser a respeito da vertiginosa marcha da cafeicultura no Paraná expressa, nesse sentido, relação com a política nacional que favorecia o ciclo econômico da cafeicultura, integrada com a economia mundial do pós-guerra. Com a depressão de um mundo abalado pela segunda guerra mundial, o café revelava-se um saboroso estimulante.

Porém, há mais um lado para se observar a questão. Mesmo que a regra mais geral, como marca da tradição agrícola brasileira, não fosse diferente da tradição de grandes propriedades nas mãos de poucos, cabe narrar algumas outras táticas operatórias que marcam a cafeicultura no Paraná. Ali uma parcela significativa de pequenos e médios agricultores, trabalhadores que intuíam adquirir suas próprias fazendas, lograram algum êxito devido ao fato de ser possível adquirir pequenos lotes e cultivar lavouras menores, pois o sistema de colonização empreendido pelo estado do Paraná favorecia tal aquisição da terra.

Presente no depoimento de Armínio está um paradoxo da "interiorização" do Brasil: o alto preço pago pelo meio ambiente diante da formação dos núcleos populacionais e agrícolas. Mesmo como funcionário, ele não está satisfeito em ser a voz oficial de uma política agrícola que compromete o solo sob o signo do desejo incondicional de lucro. Um lucro, diga-se de passagem, que carrega em sua gestação o embrião de sua morte, pois um solo estéril compromete qualquer possibilidade de perenização dos ganhos.

Para Armínio, problemas ambientais decorrem desta marcha agrícola. A erosão, o mais evidente, motivou diversos registros fotográficos. Afetou, principalmente, a região de Paranavaí, de solo arenoso, cujas camadas de terra têm pouca densidade e baixa capacidade de fixação. Este padrão de solo é sensível à ação das águas ou ventos, e susceptível à

desertificação. O processo ocorre como um desdobramento direto do desmatamento, como revela a seguinte narrativa de Armínio, registrada na entrevista realizada em 2007, durante a conversa sobre as fotografias da erosão:

> Depois que derrubou a mata a erosão começa, agora, tomando-se os devidos cuidados, atrasa-se o máximo que for possível essa erosão. Aqui é terra arenosa, em Paranavaí não é terra roxa. A terra roxa resiste mais à erosão do que a terra arenosa, a terra arenosa é um desastre, ali foi um verdadeiro crime contra a natureza, no desbravar das coisas, e na ânsia de enriquecer, vamos plantar café, vamos plantar café...
>
> (KAISER, Londrina, 25/04/2007. Entrevista)

Desmatar completamente a região e limpá-la de quaisquer outras espécies, mantendo apenas cafeeiros, significava comprometer a capacidade produtiva do solo. O que ocorria dentro de breve período de tempo. No solo de caráter arenoso a sobrevivência da floresta depende de uma cobertura proveniente da matéria orgânica que se acumula em torno das próprias espécies vegetais ali estabelecidas. Por isso se diz que a floresta se fixa mecanicamente no solo. Para a sobrevivência da floresta, há uma relação de interdependência entre as espécies, a fertilidade e o poder de nutrição da terra, advindo das folhas, frutos, cipós e animais em decomposição, com o desmatamento o solo perde sua própria matriz alimentadora, tornando-se pobre em nutrientes.

Outra função da floresta é a absorção das águas pluviais. As conseqüências trágicas da erosão na região de Paranavaí unificam os fatores da característica arenosa do solo, ação da água e inclinação dos terrenos. Sem a cobertura vegetal, a água das chuvas não é totalmente absorvida e com a ausência de obstáculos de dispersão, encontra pequenos leitos nos sulcos da terra. Por onde tende a acumular-se. Com o tempo, correndo sempre pelos mesmos caminhos, e com a aceleração da força da gravidade recorta cada vez mais a terra, ampliando gradativamente os leitos. Como nos descreveu Kaiser:

> A aceleração da gravidade também tem importância nisto porque um corpo quando cai, cai com velocidade pequena, à medida que vai caindo a velocidade aumenta, aceleração da gravidade. E a água quando desce também, desce com velocidade relativamente pequena e quando chega no meio do morro já está com velocidade maior e vai caindo, vai arrastando tudo.
>
> (KAISER, Londrina, 25/04/2007. Entrevista)

Na foto a seguir pode-se ver o processo já com algum avanço, recortando a estrada. Note-se a proporção do problema com a referência do carro que aparece à esquerda superior do quadro. Ele conta que esta estrada foi, anos depois, interditada devido à erosão.

Foto: Armínio Kaiser. Acervo pessoal do fotógrafo. Paraná, 1958.

As narrativas expressam o envolvimento técnico de Armínio com o tema. Suas fotografias oferecem o impacto imagético do que ele diz. Há imagens onde se vê um verdadeiro vale de rio cavado pela erosão, e a altura que separa o terreno original e o leito da água é impressionante.

Até a criação do IBC o modo de plantio que se realizava era o plantio em quadras, uma técnica que não respeita a topografia do terreno. Era preferida pelos produtores por facilitar a contagem dos pés de café, pois bastava multiplicar o número de linhas e colunas para se saber o número de pés plantados. Durante o projeto de organização do acervo e edição de imagens para o livro Armínio Kaiser selecionou uma série de fotografias que ele chamou de "progressão", a fim de nos passar rapidamente uma história do que foi a cafeicultura paranaense através das imagens. Ele apresenta:

> Aqui mostra 3 fases da cafeicultura. Na implantação, quando já está implantado – em processo não muito eficiente porque aqui a erosão vai levar toda a terra pra baixo, porque o café está plantado em quadra –, e depois a erradicação do café. É um processo empírico que foi muito usado, foi totalmente usado aqui no Paraná. Plantio tradicional empírico: esse é o início da derrubada da mata. Não tem proteção contra erosão. Aqui são cafezais formados em quadra, no processo tradicional, o café já esta formado em quadra, então como é que vai proteger contra erosão?
> (KAISER, Londrina, 25/04/2007. Entrevista)

No plantio em curva de nível, o modo mais adequado, segundo o IBC, previne-se o escoamento da água através dos cordões de contorno respeitando curvas de nível no terreno. Antes do plantio, marcava-se, ao longo do terreno os diversos pontos que tivessem o mesmo nível e altura e plantava-se a carreira de mudas seguindo este traçado. A carreira seguinte obedecia a mesma lógica um pouco mais abaixo. O plantio acompanhava, assim, a declividade natural e os próprios cafeeiros compunham as barreiras para que a água que se

dispersasse de maneira mais homogênea ao longo do terreno. A própria distribuição dos cafeeiros contribuía para a irrigação e drenagem, evitando o acúmulo em veios que aumentassem com o tempo e reduzindo a velocidade de caimento da água.

O trabalho de Armínio Kaiser a serviço do IBC estava diretamente ligado a este tipo de assessoria. Os proprietários que iriam realizar novos plantios chamavam a equipe de Armínio para auxiliar no trabalho de medição dos níveis, muitas vezes feitos por entre troncos de perobas que testemunhavam a queda de enormes extensões.

Mesmo com a orientação do IBC a respeito da necessidade de substituir o plantio em quadras pelo plantio respeitando curvas de nível, como modo de aproveitar as próprias variações do terreno para o controle dos fluxos da água. A atuação era insuficiente diante da vertiginosa febre de plantar café e desejo de enriquecimento. Para Armínio Kaiser, seu trabalho foi "uma gota no oceano" e as ações ali realizadas infelizmente não solucionaram o problema.

A erosão é o preço pago pelo meio ambiente pelo interesse lucrativo de alguns. Na entrevista realizada em 2007, observando as fotos da região de Paranavaí, Armínio se coloca de forma crítica em relação à compreensão dos cafeicultores quanto à necessidade de controle da erosão e a eficácia da política do IBC:

> A repercussão foi muito tênue, não só em confronto com a vasta extensão como principalmente ao espírito aventureiro que exigia o máximo de lucro com o mínimo de gasto. Era uma grande maioria que nada conhecia sobre cafeicultura e uma minoria que, por tradição, repetia erros acumulados no passado sem se incomodar com a erosão porque sempre achou terras virgens mais adiante.
> (KAISER, Londrina, 25/04/2007. Entrevista)

Tal passado que Kaiser menciona vem de longa data, podemos até dizer que o acúmulo de erros venha desde o primeiro cafeeiro plantado no Brasil! Na dimensão da já citada análise de W. Dean. Para compreender as posturas em relação a estas práticas, vale considerar ainda, tratar-se de um momento em que a noção de progresso é celebrada com a idéia de modernização. O que implica em dominação da natureza submetida aos espaços construídos pelo ser humano.

Parte da ineficácia da ação do IBC foi o fato de que a solução técnica pensada para a erosão tenha sido proposta apenas como uma tentativa de solucionar um problema que já está posto. Porém, Kaiser é irônico e enfático porque conheceu de perto as pessoas e o modo de vida naquele momento. Tratamos aqui da tensão anteriormente mencionada, entre as estratégias institucionais do estado e as práticas do cotidiano diante de uma região em que as

condições de vida eram de uma cultura material incipiente. O que situa, em certa medida, a dificuldade de transformar situações já estabelecidas.

A possibilidade de controle da erosão mais tangível naquele momento seria evitar novas erosões nas fazendas de café que iniciassem sua formação. O outro caminho, de conter processos erosivos já em curso era praticamente impossível. Armínio questiona a viabilidade de um pobre agricultor de pequenas propriedades, que investiu cinco anos formando café por sua conta e risco, desfazer e replantar a lavoura. Tampouco um fazendeiro ganancioso das grandes propriedades teria interesse ou se convenceria de tal prática pela idéia de conservar seu próprio solo.

Diante de posturas como estas de descaso, despreparo, desrespeito, algumas imagens impressionam e dizem muito. A erosão fica visível na terra como uma verdadeira escultura da água. Notamos que a estrada não leva mais a lugar algum. Ali o fluxo foi interrompido. Encerra-se no profundo vale cavado pela ação hídrica em solo desmatado. Manuscrito no envelope que armazena a imagem a seguir apresentada, lê-se: Voçoroca destruindo estrada de rodagem. A única testemunha que restou é um vestígio de uma cerca que marcava o terreno. Parece propositalmente colocada ali como um marco de efemeridade, e provoca-nos: Por esta estrada não há caminho. Observemos:

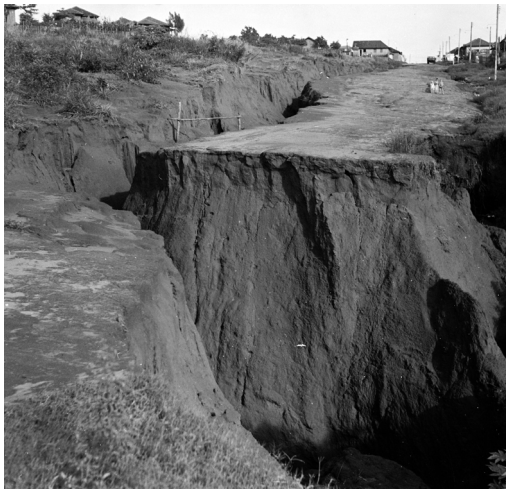

Foto: Armínio Kaiser, acervo pessoal do fotógrafo. Mandaguaçu, PR, 1958.

Terras virgens se tornam terras arrasadas sob efeito da água que não pode ser absorvida. Efeito tão devastador quanto o da ganância por produzir café “adoidadamente”. Mesmo se desejarmos não ver a erosão em seu efeito devastador, as imagens escancaram e nos ferem. É dolorido o contraste de cores entre a terra vermelha e o verde do cafeeiro ao tentar se prender no solo que se desfaz em degraus.

A respeito das imagens de uma série registrada em 1963, Armínio Kaiser detalha a a ação do processo erosivo observado numa lavoura de café:

> Aqui a erosão laminar, que vai arrastando a terra embora arrastando também o cafezal. Essa é uma seqüência que fui tirando de ano em ano. Começou assim, depois foi aumentando, aumentando... Agora não sei como esta, se é que existe. E a terra vai soterrar as mudas que estão no nível inferior e acaba jogando tudo dentro do rio. Isto é entre Maringá e Paranavaí, entre Alto Paraná e Nova Esperança, pra ser mais exato.
> (KAISER, Londrina, 25/04/2007. Entrevista)

Com o tempo, será inevitável a ampliação do sulco que se vê no terreno, arrastando os primeiros cafeeiros. A ação das águas levará, terra e pés de café para o rio. A escavação da terra, que tem início nas imagens a seguir, pode tomar proporções impressionantes. Armínio menciona que a própria formação de cânions é conseqüência da erosão.

Fotos: Armínio Kaiser, acervo pessoal. Paranavaí, 1963.

Principalmente devido aos efeitos drásticos da erosão, o ciclo do café na região de Paranavaí teve curta duração. No ano destas imagens, 1963, o declínio já é sentido. Se compararmos com o processo da região vizinha, a área de Londrina, veremos que aquilo que se conhece por auge do café no Paraná, a pleno vapor na década de 1960 é um fenômeno da terra roxa, pois o solo arenoso não podia suportar. Na região noroeste do Paraná, o café, chamado de ouro verde, não sobreviveu aos efeitos da erosão; tornou-se pó.

No Paraná, depois da erosão...

Kaiser atuou por apenas três anos na região noroeste, pedindo transferência para a área de Arapongas e Londrina em 1960, devido às condições muito precárias da vida que levava ali, onde havia, inclusive, contraído tifo. Sob o título A fotografia, Armínio redige um outro texto para o livro Ao Sabor do Café, onde destaca seu interesse pela fotografia no intuito de registrar a complexidade da experiência vivenciada em relação à situação de trabalhadores, ao cotidiano e às transformações sociais:

> Ao chegar na Terra dos Meus Sonhos e viajando pelos Rincões dos Pés Vermelhos, nos afazeres profissionais como agrônomo do IBC, trazia sempre comigo, pelo menos, uma máquina fotográfica. Desapercebidamente enfocava, de preferência

> assuntos que interessavam mais a um sociólogo ou antropólogo. (...) Hoje, revendo estas fotografias tiradas há décadas passadas, cheguei à conclusão que estava vivenciando uma drástica turbulência social.
> (KAISER, apud CHOMA, COSTA, VIEIRA, 2008)

Após transferir-se de Paranavaí para Arapongas, Armínio assumiu, em 1964, chefia do Serviço Regional de Assistência à Cafeicultura. Ali testemunhou o boom da produção e registrou impressionantes armazéns do IBC, lotados de sacas de café, em Londrina. Logo adiante, em 1966, ele passará pelo desafio de supervisionar o programa de erradicação, uma estratégia pensada pelo IBC para cercar o problema da superprodução que comprometia a sustentabilidade da balança econômica entre oferta e demanda do mercado do café. A redução da lavoura cafeeira no interior do Paraná, segundo ele, sinaliza um fator de peso no processo de êxodo rural daquele estado no final da década de 1960, captado por suas lentes e narrativas como imagens do desassossego.

Ao considerar a relação entre história, cultura e meio ambiente, observamos que a postura de Armínio Kaiser expressa, por narrativas e imagens, uma perspectiva bem crítica sobre a história do café. Seu interesse no solo, associado ao seu ofício, pode ser sentido no modo como compõe as imagens. No recorte das fotografias e narrativas sobre a erosão estão latentes as tensões entre interesse de lucro *versus* degradação do meio ambiente. Na mesma linha, pode-se concluir que a associação de fotografias à história oral, quando se tem a possibilidade de entrevistar o autor das imagens e consultar a íntegra de seu acervo, revela um campo fértil para se perceber alguns sentidos, motivações e negociações que envolvem o momento histórico da produção da imagem.

A última foto nos leva a pensar que as raízes do problema continuam expostas. A marcha da cafeicultura despovoou de floresta o estado do Paraná. Guardadas as mudanças do século XIX ao XXI, ciclos econômicos agrícolas (sejam de café ou soja) não continuam a desalojar a floresta?

Foto: Armínio Kaiser. Mandaguaçu, PR, 1957. Acervo pessoal.

No momento do clique, o fotógrafo compõe o quadro, por certo tem uma intenção, faz escolhas. Contudo, no ato de olhar a imagem, a visão se movimenta, traça um percurso, faz novas escolhas, joga e dança com elementos de quadro e extra quadro, de presente e memória. De modo que nos ater apenas à intencionalidade do fotógrafo, seria desperdiçar um salto qualitativo bem mais profícuo, o da relatividade da percepção, ato sempre impregnado de lembranças.

FONTES

KAISER, Armínio. Fotografias do acervo pessoal do fotógrafo. Paraná, 1957-1963. Digitalizadas por ocasião do projeto Revelações da História.

KAISER, Armínio. Entrevista com Armínio Kaiser, dia 25 de abril de 2007, em Londrina-PR, concedida a Daniel Choma e Tati Costa para o projeto Revelações da História (vídeo).

KAISER, Armínio. Entrevista com Armínio Kaiser, dia 02 de março de 2009, em Londrina-PR, concedida a Daniel Choma e Tati Costa para o projeto Grãos de Ouro em Sais de Prata: memórias do café (vídeo).

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **A câmara clara**: notas sobre a fotografia. 3. ed. Rio de Janeiro (RJ): Nova Fronteira, 1984.

CANCIAN, Nadir Aparecida. **Cafeicultura paranaense** – 1900/1970. Curitiba, Grafipar, 1981.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da historia**. Rio de Janeiro: Forense-Universitaria, 1982.

CHOMA, Daniel. Café passado agora. Narrativas em torno de fotografias de Armínio Kaiser, produzidas entre 1957 e 1970, sobre a cafeicultura no norte do Paraná. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UDESC, 2010.

CHOMA, Daniel; COSTA, Tati Lourenço; VIEIRA, Edson Luiz da Silva (orgs). **Ao Sabor do Café**. Fotografias de Armínio Kaiser. Londrina: Câmara Clara, 2008.

DEAN, Warren. **A ferro e fogo.** A história e a devastação da Mata Atlântica brasileira. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

MAUAD, Ana Maria. O olhar engajado: fotografia contemporânea e as dimensões políticas da cultura visual. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 10, n. 16, p. 33-34 50, jan.-jun. 2008

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares. **Revista Brasileira de História**, v. 23, n. 45, jul. 2003, p. 11-36.

KNAUSS, Paulo. O desafio de fazer História com imagens: arte e cultura visual. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 8, n. 12, p. 97-115, jan.-jun. 2006.

SAMAIN, Etienne (org.). **O fotográfico**. São Paulo: Hucitec/Senac, 2005.

SCHALLENBERGER, Erneldo; SCHNEIDER, Iara Elisa. Fronteiras agrícolas e desenvolvimento territorial – ações de governo e dinâmica do capital. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 12, no 25, set./dez. 2010, p. 202-222.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. Alain François. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.